

A CRISE EUROPEIA AGRAVA-SE

por Mário Soares

1. Europeístas e não europeístas - e eu pertencço aos primeiros - acham que a crise se agravou. Porquê? Porque se repetem as reuniões e a situação torna-se cada vez mais perigosa. O Fundo Monetário Internacional parece distanciar-se, cada vez mais, dos problemas europeus, como se não tivessem solução. A Comissão Europeia, com o seu líder, Durão Barroso, profundamente desacreditado por franceses e alemães, deixou de contar. O Banco Central Europeu, seguramente por prudência, não tem iniciativa e porventura espera a sua hora. E a crise vai-se agravando. Sem remédio? Creio que não. Porque a esperança deve a ser a última a perder-se. Sempre pensei assim e não me arrependo.

A verdade é que cada vez há mais Estados nacionais europeus a serem atingidos pela crise, não só do sul, ditos periféricos, com algum desprezo, como a Grécia, a Irlanda (que aliás não é do sul, obviamente, mas do ocidente) e Portugal, o mais velho Estado europeu com as mesmas fronteiras, que descobriu o mundo e navegou por todos os Oceanos.

Contudo, a crise não ficou por aqui. Seguiu-se, como é sabido, a Espanha (que não aceitou a Troika) e, nem por isso deixou de ter auxílios e com juros mais baixos. E depois a Itália (um dos fundadores da CEE, que devia ter sido mais acarinhada, do que tem sido), o Chipre, a Holanda, a Bélgica, a Eslovénia, a Suécia (quem tal diria...), a Finlândia (que, no passado recente, foi tão arrogante para os países ditos periféricos) e agora a própria França.

A crise não pára aqui, enquanto rimar com austeridade. É a política neo-liberal, que põe os mercados acima dos Estados e as pessoas abaixo do dinheiro, que estraga tudo, sem remédio. Por isso, é absolutamente necessário acabar com a austeridade - e no caminho com as Troikas, onde existam, que comandam os Estados, apesar de serem tão só autocratas, ao serviço dos mercados usurários.

Resta a Alemanha da Senhora Merkel, que teve o sonho impossível de querer governar a União Europeia, sobretudo da zona euro, que é quem conta. Os Estados que não pertencem ao euro - como os britânicos, comandados pelos conservadores - têm tudo a perder com a sua posição de isolamento. Mas vão sentir isso, quando a crise começar a ser vencida e os trabalhistas voltarem ao poder...

A Alemanha começa a sentir a crise. Porquê? Porque está a ser vítima das austeridades que impôs aos outros. O êxito da Alemanha resultava das suas exportações que os Estados europeus, em grande parte lhe compravam: automóveis, frigoríficos e toda a espécie de artigos que os Estados europeus precisavam. Mas sem dinheiro, em virtude da austeridade que lhes foi imposta, deixaram obviamente de comprar. Resultado: os sinais de dificuldades monetárias começaram a atingir a Alemanha. E se a política não mudar - como creio vai acontecer - o desemprego europeu da zona euro vai ser a crise da própria Alemanha da Chanceler Merkel, como se escreve no editorial do Le Monde, de 6ª. feira passada.

As coisas são o que são e não o que pensam certos políticos, que se julgam insubstituíveis, como tem sido o caso infeliz da Chanceler Merkel. A verdade é que já percebeu, uma vez que as dificuldades lhe tocam à porta, que é preciso mudar a política europeia, haver mais solidariedade entre os Estados membros, dar atenção aos jovens sem emprego, e que emigram dos seus países e têm preparação cultural e que tem de haver um Governo económico europeu para que as instituições possam funcionar.

Contudo, na última reunião europeia da zona euro tudo ficou na mesma, dado que os dirigentes das instituições europeias, por culpa própria, não querem mudar nada, para não perderem os seus chorudos lugares. À excepção, que não deve ser esquecida, do Parlamento Europeu, onde o seu ilustre presidente, Martin Schulz, social-democrata alemão, que esteve recentemente em Portugal, tem tido uma posição claríssima, anti-austeridade.

Acredito, assim, que as coisas estão a mudar e que a zona euro, pelo menos, à beira do abismo, não vai sucumbir. Portugal, cujo Governo está completamente paralisado, sem rumo nem qualquer estratégia, como aliás o Presidente da República, que por forma anti-constitucional o protege e, talvez por isso, fala de um modo no estrangeiro e outro no seu País. Não querem que nada mude. Impõem os seus poucos partidários em tudo o que é lugar, com ordenados chorudos e excluem, como nunca, os que se lhes opõem. Mas quer queiram quer não, têm de mudar, antes que as coisas se compliquem e se imponha a violência. Do que serão os únicos responsáveis. Reflectam no que se está a passar no nosso irmão Brasil...

Obama, um grande Presidente

2. Já aqui uma vez, neste mesmo jornal, disse que considerava Barack Obama um excepcional estadista, só comparável ao grande Roosevelt, que intervindo na II Grande Guerra, ao lado dos Aliados, venceu Hitler apoiando um outro grande estadista, Winston Churchill, herói da guerra, com a célebre Aliança Atlântica, donde depois sairia a NATO, hoje quase esquecida. Tendo, como se sabe, por aliada a União Soviética, de Estaline.

Os tempos são hoje outros e felizmente mais pacíficos. Embora as guerras mais ou menos mortíferas estejam a proliferar em quase todos os Continentes. Com excepção das grandes potências: os Estados Unidos, a China, a Rússia e o Japão. Mas a violência está a espalhar-se no Médio Oriente, na Ásia, na América Latina e em África.

Barack Obama, que herdou várias guerras, do seu antecessor, Bush Filho, tem vindo, com muita inteligência, a desembaraçar-se de muitas delas, como: do Iraque, do Afeganistão, do Paquistão e do Irão, que fez múltiplas ameaças aos Estados Unidos, mas nunca as concretizou e, agora, tornou-se um país pacífico, com a eleição do Presidente Hassan Rohani. As relações entre a Palestina e Israel também foram moderadas por Barack Obama, apesar do lobby tão importante dos Estados Unidos, em defesa de Israel.

Sucede, o que só realça o seu valor, que o partido republicano, no Congresso e na Câmara dos Representantes, lhe têm feito uma "guerra" terrível, com via à sua desapareição. Sem êxito. Porque além dos republicanos, os democratas têm-lhe sido fiéis, bem como a grande maioria dos sem partido.

Barack Obama resolveu fazer uma visita a África e esteve na África do Sul, num momento muito difícil para a vida de Nelson Mandela. No entanto, não deixou de demonstrar a sua enorme admiração por Nelson Mandela, que esteve longo tempo na prisão e finalmente foi libertado pelo Presidente De Klerk, acto que significou o fim do apartheid.

Inicialmente alguns sul-africanos desafiaram Barack Obama, por ser americano. Mas a forma como se comportou durante a sua estadia e, sobretudo, como se referiu sempre a Nelson Mandela, com enorme admiração e respeito, não deixou de impressionar mesmo os mais desconfiados sul-africanos, que não gostam - e estão no seu direito - dos Estados Unidos e portanto do seu Presidente Barack Obama. Mas perceberam que é um estadista singular, um democrata, sem preconceitos raciais, e um negro como eles.

Espero que o périplo de Obama por África se prolongue e dê bons frutos, como merece.

3. Um grande escritor

Refiro-me a Óscar Monteiro, um grande escritor moçambicano, indiano de origem e que tirou o seu curso em Direito na Universidade de Coimbra. Deu-me a honra de querer lançar o seu livro, intitulado "De todos se faz um País", na Fundação que tem o meu nome.

Foi uma sessão muito interessante, com o auditório a transbordar, com imensas pessoas em pé e um segundo auditório improvisado, igualmente cheio. Eram quase todos coimbrinhas, na maior parte vindos de Coimbra especialmente para assistir ao lançamento do livro e na maioria juristas, muitos seus amigos e colegas da Universidade.

O livro foi apresentado por Artur Santos Silva e depois comentado por António Almeida Santos, ambos colegas do autor na Faculdade de Direito de Coimbra. A seguir houve muitas perguntas e as respectivas respostas.

Trata-se de um livro de memórias extremamente interessante. Com histórias contra o salazarismo e contra o colonialismo português e a resistência contra essas duas pragas que, graças à descolonização no tempo recorde em que foi realizada, não desfez, antes pelo contrário, a irmandade entre os dois Povos.

Conheci-o no exílio, em Genebra, quando fui expulso de Portugal por Caetano. E ficámos desde então camaradas e amigos. E assim continuamos.

Moçambique é uma terra de cultura e um grande País, com imensas riquezas minerais e agrícolas que os colonos portugueses nunca souberam sequer da existência. Como terra de cultura, lembro dois grandes amigos: Mia Couto, grande escritor, recentemente premiado e Malangatana, grande pintor, infelizmente já falecido. Sem esquecer o grande poeta José Craveirinha e o querido Aquino de Bragança que morreu no avião com Samora Machel.

É, um grande País irmão, como Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé, Angola e o longínquo Timor. Todos, como o Brasil, de língua portuguesa e mesmo Macau. Que mais poderíamos desejar, depois de treze anos de guerra inútil e colonialista...?

E Agora?

4. É o título de um livro de Pedro Adão e Silva, ilustre universitário, sobre a crise do euro, as falsas reformas e o futuro de Portugal. É um livro que merece, em absoluto, ser lido, para que os portugueses saibam que o futuro de Portugal não é fácil, dada a cumplicidade existente entre o actual Governo, que só pensa em vender o património que ainda resta a Portugal - como parece que vai acontecer agora com a Caixa Geral de Depósitos - e a cumplicidade que tem o Presidente da República, que por forma anti-constitucional, o considera legítimo. Apesar dos ministros não poderem sair à rua sem serem vaiados e a prática mostrar que a austeridade existente está a destruir muitos séculos de história que fizeram de Portugal um País único. É preciso reagir.

O livro é prefaciado, aliás, pelo Presidente Jorge Sampaio. É um livro lúcido e exigente como diz no seu prefácio. Merece ser lido, repito, porque abre a esperança a milhões de portugueses que a perderam. E a esperança é última coisa que se deve perder.

Lisboa, 2 de Julho de 2013